



**UNIVERSIDADE DA INTEGRAÇÃO INTERNACIONAL DA  
LUSOFONIA AFRO-BRASILEIRA  
INSTITUTO DE HUMANIDADES E LETRAS  
BACHARELADO EM HUMANIDADES**

**GUILHERME DA SILVA MATOS**

**O LOBISOMEM: AS LEITURAS DE UM MITO  
SOCIOCULTURAL BRASILEIRO.**

Redenção – Ceará  
2017

GUILHERME DA SILVA MATOS

**O LOBISOMEM: AS LEITURAS DE UM MITO  
SOCIOCULTURAL BRASILEIRO.**

Projeto de pesquisa apresentado ao curso de Bacharelado em Humanidades da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, como requisito parcial para a obtenção do título de Bacharel em Humanidades.

Orientador: Prof. Dr. Patrício Carneiro Araújo.

Redenção – Ceará  
2017

GUILHERME DA SILVA MATOS

**O LOBISOMEM: AS LEITURAS DE UM MITO  
SOCIOCULTURAL BRASILEIRO.**

Projeto de pesquisa apresentado ao curso de Bacharelado em Humanidades da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, como requisito parcial para a obtenção do título de Bacharel em Humanidades.

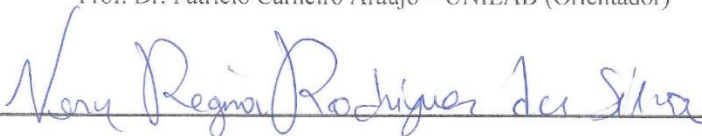
Orientador: Prof. Dr. Patrício Carneiro Araújo.

Aprovado em: 28/12/2017.

**BANCA EXAMINADORA**



Prof. Dr. Patrício Carneiro Araújo – UNILAB (Orientador)



Prof.ª Dra. Vera Regina Rodrigues da Silva - UNILAB (Examinador)



Prof. Dr. Arilson dos Santos Gomes - UNILAB (Examinador)

Sob a jaqueta de lã do Bretão ou na gibona de couro do vaqueiro, o pavor é idêntico, vendo, debaixo das oitricas imensas ou na penumbra dos menhirs batidos pelo luar, a figura ligeira e negra, impressionadora e terrível do loup-garou, do lobisomem, capelobo dos índios, erudito versipellio, herança atávica do medo na alma triste dos homens [...]

LUÍS DA CÂMARA CASCUDO, *Licantropia sertaneja*.

## SUMÁRIO

<b>1- INTRODUÇÃO.....</b>	<b>6</b>
<b>2- OBJETIVOS.....</b>	<b>7</b>
2.1- GERAL.....	7
2.2- ESPECÍFICOS.....	8
<b>3- JUSTIFICATIVA.....</b>	<b>8</b>
<b>4- PROBLEMA.....</b>	<b>9</b>
<b>5- HIPÓTESE.....</b>	<b>9</b>
<b>6 - REVISÃO BIBLIOGRÁFICAS.....</b>	<b>9</b>
<b>7- FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....</b>	<b>18</b>
<b>8-METODOLOGIA.....</b>	<b>23</b>
<b>9- BIBLIOGRAFIA.....</b>	<b>25</b>
<b>10- APÊNDICE.....</b>	<b>28</b>

## 1 - INTRODUÇÃO

A pesquisa em questão pretende analisar os aspectos apresentados na lenda do lobisomem, que permeia o imaginário popular e o folclore brasileiro, levando em conta as raízes historiográficas do mito, e considerando o deslocamento geográfico e temporal da lenda. Procura-se investigar principalmente, como foi o processo de introdução desta tradição no período colonial brasileiro. Tendo em vista as simbologias das narrativas apresentadas e o papel da tradição oral na assimilação da lenda, além das características da sociedade que permitiram essa integração.

O estudo será desenvolvido a partir de levantamento bibliográfico e entrevistas semiestruturadas realizadas com idosos, pois através destes, buscaremos resgatar a memória do período de influência mais forte dessa lenda. Partindo de autores como, Câmara Cascudo, Baring-gould, e dos métodos de análise social e mítica de Jeffrey Cohen, Claude Lévi-Strauss, Roberto DaMatta e Mary Douglas, procurar-se-á elaborar uma análise dos elementos simbólicos, sociais, históricos e culturais da lenda, e de seus elementos criados durante o período estudado. Ressalta-se ainda que a pesquisa não se deterá nas características criptozoológicas<sup>1</sup> ou patológicas da lenda, e nem procurará constatar a veracidade do fenômeno.

O lobisomem faz parte do cenário folclórico brasileiro, muitas pessoas já ouviram falar da lenda através de seus parentes mais velhos, roda de amigos, músicas, novelas, filmes, contos, ditados populares, ou em algum tipo de alusão ao dia 22 de agosto, onde se comemora o dia do folclore brasileiro. Mas, quais os fatores determinantes para isso? A partir de uma inquietação em obter essa resposta, nosso objetivo é entender como ocorreu a inserção da lenda do lobisomem como personagem caro ao imaginário popular brasileiro.

Essa lenda, desde tempos imemoriáveis, circula pelo mundo antigo. Na África, os pensamentos antropomórficos das estruturas religiosas egípcias eram fundamentais na sua cosmovisão, as misturas completas com animais, somente feições, ou o culto aos próprios animais eram comuns no Egito antigo. Estes animais eram associados aos “atributos” que

<sup>1</sup> E o estudo de espécies animais lendários, mitológicas, hipotéticas ou avistadas por poucas pessoas. Inclui também o estudo de ocorrências de animais presumivelmente extintos. Disponível em: < <https://pt.wikipedia.org/wiki/Criptozologia> >. Aseedo em 20 de novembro 2017.

portavam. O leão a força, ou as aves que representavam a sabedoria. “No conjunto, o rosto era a representação de uma personalidade, o corpo a de uma faculdade.” (TRAUNECKER, 1995, p.65). Podemos ver também os animais canídeos como o deus Anúbis, o deus chacal que era responsável pelos mortos, pois os chacais rodeavam as necrópoles egípcias, ou o cão de Upuaut, mitos antropomórficos símbolos dos valores e crenças egípcias. No Egito houve uma grande interação com a África negra principalmente com a Nubia, e os países do oriente numa troca de divindades entre estas culturas, que disseminaram este modo de crença.

De acordo com a maioria dos teóricos, o mito do lobisomem teve origem na mitologia grega, na história de Lycaon rei de Arcádia. Segundo a tradição, o mesmo era adepto de práticas religiosas que por vezes implicavam na realização de sacrifícios humanos, em que as vítimas eram principalmente os hóspedes que ele acolhia. Sabendo disso, Júpiter (Zeus) passando-se por um viajante, se hospedou em seu palácio. Lycaon pretendia sacrificá-lo, mas atentou que o hóspede na verdade era Júpiter. O rei mandou servir carne humana durante um banquete, Júpiter enfurecido com tanta crueldade, transformou Lycaon em um lobo como punição (Casculo, 2012). Segundo Branco: “[...] a peculiaridade do nome do personagem teria dado origem à palavra usada para denominar criaturas que alternam entre a forma de humanos e animais. O termo licantropia<sup>2</sup>, em inglês Lycanthropy, seria portanto derivado do mito de Lycaon e de seu nome”. (Branco, 2009 p.75).

O mito de Lycaon é apontado como o precursor de uma onda de histórias de licantropia que tomaram conta da Europa durante muito tempo. Mas, desde tempos imemoriáveis, povos de diversas partes do mundo já utilizavam mitos de “Zoantropia”, (do latim, zoo= animal e anthropos= homem) assim, a ideia de que um homem pode se transformar ou personificar um animal, obtendo poderes sobrenaturais através da intervenção divina, rituais ou feitiços. Atribui muitas vezes a esta lenda, o título de “mito universal.”

## **2 - OBJETIVOS**

**2.1-Geral:** A pesquisa busca analisar a lenda do lobisomem no Brasil, e apresentar os aspectos em que esta lenda pode contribuir na leitura sociocultural do Brasil.

<sup>2</sup> Do grego, Lykos = lobo e anthropos = homem.

**2.2-Específicos:** Investigar as origens históricas do mito no Brasil; identificar os processos históricos que proporcionaram a chegada do mito no país; sistematizar as características sociais e culturais que permitiram o florescimento e a permanência desse personagem mítico no imaginário social brasileiro; verificar condições, modos e variações de inserção do mito.

### 3 - JUSTIFICATIVA

Há muito tempo tenho interesse sobre o tema do lobisomem, e suas relações com o imaginário social brasileiro, pois creio que, não só para mim como para a maioria dos brasileiros, o tema não é uma novidade, e este sentimento de familiaridade parece nos acomodar a respeito do tema, pois é pouco o número de pesquisas diretamente relacionadas a ele, se levarmos em consideração a propagação da lenda no Brasil. E por isso a pesquisa ganha aspecto de contributo fundamental para o assunto. Destaca-se também a importância de se compreender o que pode estar “por trás” do mito e da sobrevivência do mito no imaginário social brasileiro, ou seja, o que a lenda do lobisomem pode contribuir para compreender as relações sociais, culturais e religiosas do Brasil.

O meu interesse em desenvolver esta pesquisa tomou forma mais concreta quando li *Geografia Dos Mitos Brasileiros (2012)* de Luís da Câmara Cascudo, em cujo livro encontrei a frase: “O Lobisomem nos foi trazido pelo colono europeu”. Então surgiu a indagação: o que está lenda tem de especial para que mais de cinco milênios depois de sua gênese, encante, surpreenda e amedronte, diversos povos e culturas por todo o mundo?

A pesquisa faz-se importante pois procura contribuir ao arcabouço teórico a respeito do tema proposto a ser estudado, através de concepções teóricas e metodológicas implicadas para analisar o objeto de estudo. Além disso, pressupõe-se que contribuirá para uma melhor análise do cenário folclórico/mitológico brasileiro. Além de proporcionar maior compreensão deste fenômeno que se manifesta na cultura popular brasileira. Fazendo também uma leitura etnográfica na qual se permitirá perceber os traços específicos engendrados e moldados nos variados espaços culturais e temporais nos quais o mito se desenvolve.



#### **4 - PROBLEMA**

Os problemas que este trabalho procura responder são indagações acerca dos fenômenos culturais e sociais que o objeto de estudo nos traz a questionar: como ocorreu a integração da lenda do lobisomem, e seu desenvolvimento e influência na cultura brasileira? Como a lenda pode contribuir para uma leitura social e cultural do Brasil e do brasileiro? No desenvolvimento do trabalho, as indagações relacionadas convergiram para responder a indagação principal do projeto. Para nós, cabe analisar as questões referentes ao conjunto de fatores que propiciaram o evento estudado.

#### **5 - HIPÓTESE**

As hipóteses a serem trabalhadas neste estudo assumem duas premissas: a primeira é a de que a Igreja foi fundamental e contribuiu diretamente neste fenômeno; a segunda é que a posterior chegada das culturas ibéricas, principalmente a portuguesa, serviu como estrutura de junção entre a multiculturalidade indígena presente no Brasil anterior à chegada dos portugueses, e o posterior processo de escravização exercido por Portugal, que trouxe, junto com o sistema de exploração escravista, novos elementos culturais do continente africano. Com isso, o discurso e a mentalidade portuguesa precisavam de meios de compreensão “universal” para impor suas crenças, valendo-se de figuras como a do lobisomem para abarcar uma maior esfera social.

#### **6 - REVISÃO BIBLIOGRÁFICAS**

Para além das citações clássicas de licantropia na antiguidade de Virgílio, Heródoto, Ovídeo, Plínio, Agripas (Baring-Gould, 2008), Petrônio (WAGNER, 1989), Platão (LOZANO, 2007), é de relevância citar uma importante informação pouco lembrada nesta discussão, as influências mais antigas das correntes culturais vindas do oriente. Como já dito antes, correntes mais fortes acerca da figura do lobisomem remetem-se a Grécia antiga como marco inicial das narrativas sobre este mito, mas, se voltarmos a um dos textos mais antigos conhecidos, a *Epopéia de Gilgamesh*, podemos ver os traços das narrativas antropozoomórficas. Gilgamesh acusa a deusa Ishtar de ter transformado um de seus amantes em lobo por capricho.

Amastes o pastor do rebanho; dia após dia ele vos preparava um bolo de aveia; e sacrificava cordeiros em vossa homenagem. Vós o golpeastes e o transformastes num lobo; agora seus próprios filhos o afugentam, seus próprios cães de caça o acoçam, lacerando-lhe os flancos. (in. A EPOPEIA DE GILGAMESH,. Tradução Carlos Daudt de Oliveira. 2001<sup>3</sup>.)

As antigas narrativas normalmente trazem a moral de um castigo divino para aqueles que desagradam os deuses. Assim o discurso mítico nos induz a acreditar que essas narrativas ensinam a luta entre o bem e o mal, mas, na verdade, a luta consiste entre o conceito central do grupo/crença, contra os princípios opostos aos seus criando simetria entre a justiça, o castigo e a recompensa.

Estas relações entre a narrativa mitológica e as ações no âmbito social podem ser vistas em Hualpa (2006) onde ele nos mostra que o processo de cristianização das populações da Escandinávia teve um papel importante para a formação da figura do homem lobo, a partir da degeneração dos *berserkir*<sup>4</sup>, que tiveram um papel fundamental nos embates contra os clérigos durante a cristianização da Islândia, (RACY; MIRANDA, 2012). Baring-Gould (2008) ressalta a importância dos mitos escandinavos na construção da imagem do lobisomem na Europa. A partir deste fato, podemos problematizar e traçar um vínculo direto entre o cristianismo, e a mistificação da imagem do homem lobo, e como está mais tarde será usufruída em seu benefício.

Para Pereira (2012), o catolicismo passou, em dado momento, a “concorrer” com as práticas pagãs de magia. A Igreja enfatizava na ação direta de Deus e dos santos no cotidiano das pessoas, intervia sobre fenômenos naturais, modificando a natureza das coisas. Isso quer dizer que, se deus pode interferir na vida das pessoas, o demônio também pode, figura que logo foi associada ao lobisomem na perspectiva cristã.

Apoiada neste suposto monopólio da intermediação com o mundo do divino e, portanto, no monopólio sobre o discurso religioso implícito nessa exclusividade, a Igreja buscou se diferenciar em relação às crenças e práticas religiosas concorrentes e de expandir o seu controle sobre elas ao tempo em que, utilizando-se de recursos que ultrapassam o campo de atividades que nós compreendemos como religiosas, exerceu um eminente domínio sobre as

<sup>3</sup> Disponível em: < <http://mkmouse.com.br/livros/AEpopoiadeGilgamesh-Anonimo-MartinsFontes.pdf> > acessado em: 16 de novembro 2017.

<sup>4</sup> “Cachorros e lobos estão conectados com a ideologia guerreira, especialmente para o grupo dos berserkir, grupo de homens jovens e não casados, especializados na arte da guerra. Várias gerações de guerreiros combinavam o nome de termos de batalha com elementos relacionados ao lobo – também se referindo a iniciação de jovens para o mundo marcial.” (LANGER, 2010, p.19).

diversas formas ‘cultas’ de expressões artísticas e literárias, ampliou os seus tentáculos sobre as várias estruturas de poder e de organização social; fundamentou o seu direito de intromissão sobre os assuntos da vida privada dos indivíduos e consagrou-se como a grande liderança política e ideológica do processo de expansão do Ocidente. (PEREIRA, 2012, p. 54).

Este monopólio do divino vinculado ao desgaste da imagem e presença dos lobos nos arredores das aldeias, principalmente durante a idade média, contribuiu para que a figura do lobo fosse inserida no “panteão demoníaco” do imaginário popular. Logo a Igreja posicionou-se como defensora do povo contra as ações e investidas do demônio, mas ela só oferecia uma proteção mais “eficaz”, para seus fiéis.

A Igreja naturalmente culpava Satã pela praga de lobisomens sobre a Terra e dizia que a alma de uma pessoa que sofria dessa maldição não poderia entrar no Paraíso e estava condenada a ficar presa à Terra por toda a eternidade. Entretanto, assim que um lobisomem experimentasse carne e sangue humanos, sua alma estaria condenada para sempre, sem a menor esperança de redenção. (DUNWICH, 2003 p.134).

Com a expansão marítima do século XV e a descoberta de “novos mundos”, surge também uma nova missão de montar um império cristão e levar a palavra à toda criatura. Era um novo território para ser moldado à luz da civilização europeia. As percepções dos missionários e religiosos portugueses, logo após a chegada nas terras que vinham a ser o Brasil, eram bem confiantes, tinham uma visão ambígua desta terra, como revelam os relatos do padre José de Anchieta. Um dos primeiros a descrever os seres míticos do Brasil, um lugar onde a graça de Deus se expressava na beleza e na riqueza da natureza, mas os monstros e demônios também a fazem de morada por esta terra não conhecer o nome de Deus.

Acrescentarei agora poucas palavras acerca dos espectros noturnos ou antes demônios com que costumam os índios aterrar-se. É cousa sabida e pela boca de todos corre que ha certos demônios, a que os Brasis chamam *curupira*, que acometem aos índios muitas vezes no mato, dão-lhes de açoites, machucam-os e matam-os. São testemunhas disto os nossos Irmãos, que viram algumas vezes os mortos por eles. Por isso, costumam os índios deixar em certo caminho, que por ásperas brenhas vai ter ao interior das terras, no cume da mais alta montanha, quando por cá passam, penas de aves, abanadores, flechas e outras cousas semelhantes, como uma espécie de oblação, rogando fervorosamente aos *curupiras* que não lhes façam mal. Ha também nos rios outros fantasmas, a que chamam *Igpupiára*, isto é, que moram n'agua, que matam do mesmo aos índios. Não longe de nós ha um rio habitado por Cristãos, e que os índios atravessavam outrora em pequenas canoas, que fazem de um só tronco ou de cortiça, onde eram muitas vezes afogados por eles, antes que os Cristãos para lá fossem. Ha também outros, maximè nas praias, que vivem a maior parte do tempo junto do mar e dos rios, e são chamados *baetatâ*, que quer dizer "cousa de fogo", o que é o mesmo como se se dissesse "o que é todo fogo". Não se vê outra cousa senão um facho cintilante correndo daqui para ali; acomete rapidamente os índios e mata-os, como os *curupiras*: o que seja isto, ainda não se sabe com certeza. Ha também outros espectros do mesmo modo pavorosos, que não só assaltam os

índios, como lhes causam dano; o que não admira, quando por estes e outros meios semelhantes, que longo fora enumerar, quer o demônio tornar-se formidável a estes Brasis, que não conhecem a Deus, e exercer contra eles tão cruel tirania. (In: Cartas, Informações, Fragmentos Históricos, e sermões do Padre José de Anchieta, S. J. CIVILIZAÇÃO BRASILEIRA S. A.- Rio de Janeiro, 1933 p.128-129).

De fato, muitos mitos indígenas apresentam características de que seus personagens tenham poderes antropozoomórficos, homens que se transformam em pássaros, tatus e veados, como por exemplo, nas lendas descritas por Lévi-Strauss (2004). Nos mitos Bororo: O Xibae e Iari, “as araras e seu ninho” é “Origem da água, dos ornamentos e dos ritos funerários”. Nesta miscigenação de culturas, a figura do Capelobo (Casculo 2002) é vista como o *lobisomem dos índios*. Seus hábitos lembram a criatura europeia, mas sua fisionomia remete aos animais típicos da fauna brasileira. Nesta formação, contribuiu o fato de que em nosso imaginário já houvesse uma estrutura mítica parecida.

Para o imaginário europeu, que acreditava no que ouvia dos viajantes e aventureiros de terras longínquas, onde “não havia civilização”, montava-se um “bestiário vivo” onde se poderia interagir com estes seres. Terras mágicas que poderiam ser habitadas por todos os monstros. E por que “um monstro nosso” não poderia também habitar aquele local? Laura de Mello e Souza (1986) nos apresenta a lenda de Preste João como exemplo de “migração geográfica do imaginário europeu”. Segundo Boxer (2002), Preste João era uma crença medieval, de que existiria um rei-sacerdote que comandava um reino cristão muito rico “em algum lugar da Ásia central.” Esta lenda foi um, dentre vários outros motivos, o que inspiraram os portugueses a desbravar os territórios desconhecidos, a fim de levar ajuda a Prestes João e seu reino cristão. Os portugueses mudavam o reino de Prestes João conforme tinham interesse em adentrar em novos territórios, passando dos territórios indianos da Ásia, para a Etiópia, na África, indo até as terras do oriente médio (LE GOFF, 1980).

Este jogo de interesse e motivação que os portugueses utilizavam para alcançar seus objetivos não se dissociava das premissas da fé (BOXER, 2002). Como indica Souza (1986), a colônia brasileira passou a absorver características da vida portuguesa: “tudo que lá existe, existe aqui, mas de forma específica colonial.” Entre esse “tudo” acredita-se que estaria também o Lobisomem e a crença na sua existência. A América tinha absorvido um grande volume de características europeias, mas ainda era o lugar das dualidades, terra europeizada, mas onde os monstros podem se tornar realidade. Estes novos habitantes trouxeram seus costumes, suas regras e suas bases religiosas. O espaço do Brasil criava novas formas de

interação conforme os novos eventos. As penas de degredo instituídas pela coroa portuguesa mandavam os delituosos ao exílio nas colônias. O Brasil recebeu um grande número de degredados<sup>5</sup> para purgar seus crimes, ajudando Portugal que expurgava os indivíduos que perturbavam a ordem social e religiosa do reino (PIERONI, 1998). Macedo (2008) destaca as várias estratégias de conversão utilizadas pelos cristãos: “Traziam crianças órfãs de Lisboa para fazer a ligação com os curumins”, deixavam espaços para as práticas sincréticas entre as religiões nativas e o cristianismo, aprenderam as línguas nativas para facilitar a comunicação e a transmissão de conhecimento. A possível corrente portuguesa da lenda também veio para o Brasil. Pensando nessa interação, o poeta, escritor, historiador e jornalista português Alexandre Herculano falou a respeito das percepções populares em Portugal da imagem das feiticeiras e dos “lubis-homens” em meados do século XIX:

Os lubis-homens são aqueles que teem o *fado* ou *sina* de se despirem de noite no meio de qualquer caminho, principalmente encruzilhadas, darem cinco voltas, espoujando-se no chão em lugar onde se esponjasse algum animal, e em virtude d’isso transformarem-se na figura do animal *pre-espoujado*. Esta pobre gente não faz mal a ninguém, e só anda cumprindo a sua *sina*, no que teem uma cenreira mui galante, porque não passam por caminho ou rua, onde haja luzes, senão dando grades assopros e assobios para que lh’as apaguem, de modo que seria a coisa mais facil d’este mundo apanhar em flagrante um lubis-homem, acendendo luzes por todo os lados por onde elle pudesse saír do sitio em que fosse pressentido. E’ verdade que nenhum dos que conta semelhantes historias fez a experiencia. (in: Alexandre Herculano. Opusculos, tomo IX, 1909. p.176-177.).

O Santo Ofício da Inquisição, por sua vez, foi responsável por popularizar várias lendas como a das bruxas e lobisomens, principalmente nos países em que ocorreram a instalação dos tribunais para o julgamento dos “crimes” cometidos.

De 1478 a meados do século XVIII, a Inquisição foi a mais poderosa instituição da Espanha e de suas colônias nas ilhas Canárias, na América Latina e nas Filipinas. A partir de 1536, no vizinho Portugal e nas colônias portuguesas na África, na Ásia e no Brasil, a Inquisição foi preeminente durante 250 anos. Isso quer dizer que foi uma força significativa em quatro continentes por mais de três séculos. (Green, 2012 p.30).

Segundo Novinsky (1985, p.72): “o Novo Mundo teve três tribunais oficialmente estabelecidos, no Peru (1570), México (1571), e de Cartagena (1610)”. O Brasil não teve a instalação de um tribunal inquisitório próprio, os condenados eram julgados pela inquisição portuguesa. Mas Novinsky ressalta que o problema da inquisição não é o número de

<sup>5</sup> “Criminosos” exilados de Portugal.

condenados, mas sim a influência que este processo teve nas sociedades que passaram pelo Santo Ofício. Souza (1986) aponta que, mesmo sem a presença de um tribunal, o Brasil sofreu os impactos das visitas inquisitoriais enviadas por Portugal a suas colônias, até porque a inquisição interferia no cotidiano das relações pessoais e sociais, devido ao medo das denúncias aos inquisidores. No Brasil, as denúncias feitas aos inquisidores revelam o sincretismo religioso presente na colônia, tanto por parte dos portugueses quanto pelos nativos, como as denúncias de bruxaria e feitiçaria e metamorfoses proporcionadas por satã a seus adoradores nas colônias:

Acreditava-se então – como ainda o fazem muitos dos habitantes do Brasil rural de hoje – que determinadas pessoas tinham a virtude de se transformar em animais. Tal crença remontava à tradição folclórica europeia, perdida nos tempos – o tempo em que os animais falavam, em que Belas desposavam Feras – e às tradições indígenas e africanas, onde jabutis, cágados, macacos, bois agiam como se fossem homens. Ainda na antigüidade, construíram-se dois estereótipos: o da estrigas, e o do homem-asno. Estes foi celebrizado por Apuleio; as estrigas, por sua vez, aparecem em Ovídio, chupando o sangue de criancinhas e soltando gritos estridentes, espécies de mistura de coruja com vampiros. Santo Agostinho dizia que os homens sonhavam que o demo os metamorfoseava em animais. Na Europa, a demonologia da época moderna emprestou elementos de metamorfose da tradição folclórica milenar. Em 1428, processos de feitiçaria em sion, no valais, e em Todi já aludiam à metamorfose, associando-a ao vôo noturno de bruxas. Bruxas, portanto, tinham a capacidade de se transformar em animais: as que foram queimadas em Lisboa no auto de fé de 1559 iam ao sabbat transformadas em cães e gatos por arte do demo. Demonstrando que, na esfera do divino, homem e animal se confundem arquetipicamente, também os Tupinambá acreditavam que o feiticeiro era passível de sofrer metamorfose, assumindo feições zoomórficas. (SOUZA, 1986, p.245-246).

Os degredados portugueses, vindos condenados por feitiçaria, eram os mais suspeitos de protagonizar atos mágicos. Neste panorama, o mito do lobisomem talvez espontaneamente ou não, foi introduzido pois nos seus moldes atuais afirmaria os valores judaico-cristãos. Uma maldição, em meio a uma população extremamente religiosa, funcionaria tão bem quanto uma espada na mão de um colono. A afirmação dos valores morais, estruturas sociais e mistificação de símbolos, em favor de uma forma de sociedade.

Um outro motivo que parece corroborar com essa teoria é que a maioria dos países africanos<sup>6</sup>, que tiveram colonização portuguesa, também tem em seu meio a lenda do lobisomem, implicando modos e variações diferentes devido a outro contexto. Não nos parece

<sup>6</sup> Informações obtidas em conversas com estudantes africanos de países como Gunié-Bissau, Angola, Cabo Verde e Moçambique, colegas da UNILAB.

coincidência que a maioria dos países colonizados por Portugal conheça e tenha a lenda em seu acervo cultural.

Esta lenda adaptou-se tão bem aos moldes do cristianismo ocidental, que podemos notar uma estrutura parecida dos conceitos morais. O castigo divino a quem desobedecer às regras morais necessárias na formação de uma sociedade em desenvolvimento, com os seus pilares morais definidos, mas com uma grande pluralidade mítica. O trabalho foi dominar o pensamento coletivo para que houvesse uma confluência para um único guia de moralidade, o que facilitaria o domínio cultural da população da colônia.

Analisar os relatos e variações da lenda nos permite extrair informações e interpretações. No livro “Assombrações do Recife Velho” (1987), Gilberto Freyre apresenta duas histórias que podemos analisar a respeito das características presentes, nos discursos e nas histórias de lobisomem. A primeira conta a história de Josefina Minha-Fé que apresenta uma estrutura parecida com os típicos relatos de lobisomem do Brasil, os quais abordaremos mais adiante. Já na segunda história, podemos ver um tipo híbrido, entre as características mais fortemente portuguesas e alguns traços gerados nesta interação cultural.

Nos causos relatados por Gilberto Freyre, aparece a mistura da imagem do lobisomem, que é geralmente associada à do cachorro, e a mistura com outro animal, nesse caso o porco. Outras características geralmente descritas são as grandes orelhas do bicho. Orelhas de porcos ou de burros. Seu local de transformação, local onde se espoja, na areia, na lama no meio dos animais, lugares que remetem ao sujo, ao mal. O seu *fado*, sua sina de correr. Correr no “meio do mato”, nas ruas, nas estradas desertas, pelos cemitérios e encruzilhadas, nos espojadores, até completar sua peregrinação. Até que nasça o sol do novo dia. O lobisomem, como aparece nas duas histórias, prefere garotas jovens, bonitas, e virgens, meninas moças, no seu auge da beleza. No caso das mulheres, nota-se um ataque à virtude, à virgindade, à moral. O ataque é, então, de cunho sexual. Ou também a homens distraídos e sozinhos no meio da noite. Apresenta-se nessas narrativas as referências ao cristianismo, principalmente a vertente do catolicismo, onde seus símbolos, suas orações e seus santos são recorrentes como modo de defesa do mal. Vemos com frequência nos relatos, e também presentes nas histórias analisadas, o fedor que o lobisomem exala, cheiro de enxofre, (o cheiro do inferno) cheiro de cadáver. As características corporais que identificariam a suposta pessoa que se transforma em lobisomem, seria a um sujeito magro,

alvacento, com aspecto de cadáver características de um portador de doenças, como a lenda dos vampiros<sup>7</sup> que tiveram a raiva como “sintomas” da transformação.

Nos relatos de Gilberto Freyre o aspecto físico do lobisomem no segundo relato, “outro lobisomem”, apresenta a cor amarelada mesmo depois de sua transformação, descrito como alvacento, amarelo, diferentemente das outras narrativas, que o lobisomem é descrito como um ser de pelo escuro. Portador de um desejo visceral de devorar, crianças, ou jovens moças sozinhas, uma típica imagem da donzela indefesa. As vítimas que escaparão dos terríveis ataques desta fera teriam recorrido a sua fé. Invocaram o nome de Deus em oração, normalmente ligada aos símbolos do catolicismo. Tais orações funcionariam como ponto de salvação e proteção, uma defesa contra as potestades do mal, entre as quais estaria o lobisomem.

Outro aspecto bem comum nessas narrativas é o desejo do lobisomem por sangue<sup>8</sup>, prato preferido da maioria dos monstros. Outro fato que se percebe é que o lobisomem é associado normalmente ao demônio, ao mal eminente que ameaça a virtude e a pureza. Já na segunda narrativa, ao final, apresenta-se uma cura, para a maldição do lobisomem: deve-se mamar nos seios de uma mulher de cor, de uma “mulata” que remete a imagem da ama-de-leite. O leite mamado direto do seio<sup>9</sup> seria a cura para a palidez e seu aspecto físico enquanto humano (FREYRE, 1978).

A maldição do lobisomem transformou-se também em estigma social. Normalmente são identificados como lobisomens, pessoas que são distantes de seus grupos sociais, que não tem uma sociabilidade, uma relação de identidade com a sociedade, pessoas detentoras de um grande poder financeiro que se resguardam do meio social mais carente, ou também aquelas pessoas que são de classes mais inferiores que não tem o mesmo padrão da sociedade, são estigmatizadas por seu grupo. Esta característica de estereotipar os indivíduos fora dos padrões, como seres estranhos e indefinidos, pode ser notado nos casos de acusação de bruxaria. Muitas vezes, conscientemente, os seus acusadores as denunciavam porque suas condutas desagradavam uma ordem moral ou social, e eram condenadas pelos seus crimes. (FEDERICI, 2004).

<sup>7</sup> UJVARI, Stefan Cunha. *A história da humanidade contada pelos vírus*. Editora Contexto, 2012. Não descartamos a possibilidade de as doenças tropicais terem contribuído com este aspecto da lenda.

<sup>8</sup> SOUZA, 1986, p. 250.

<sup>9</sup> SOUZA, 1986, p. 250.



Nas variações da lenda afirma-se que o dito lobisomem deve percorrer sete cemitérios ou sete igrejas, sete encruzilhadas, dentre outros locais. Em determinadas variantes, devem-se percorrer todos estes lugares. Podemos observar nesta característica da lenda a sacralidade da terra e do local onde ocorre a peregrinação. No que se refere a terra os cemitérios são vistos como o local de descanso da alma ou onde se concentra em maior proporção as energias espirituais para a comunicação com outro plano. Por sua vez, as igrejas são vistas principalmente na tradição cristã como a morada de Deus; portanto, local sagrado de comunicação com Deus. Já as encruzilhadas, para esta lenda vêm de uma linha de tradição pagã, provavelmente do norte da Europa. Nessa relação com a encruzilhada, podemos tomar como exemplo Hécate, a deusa da encruzilhada. Segundo Rosa Maria Fina (2016), na Grécia a figura de Hécate estava associada a aparições fantasmáticas e às encruzilhadas, locais muitas vezes escolhido para prática de rituais, e que favoreceu para que posteriormente ficasse conhecida como rainha das bruxas, em mitos e lendas cristãs. Podemos notar também nas religiões afro-brasileiras, que seria devido ao formato da encruzilhada permitiria a convergência e o cruzamento de energia de várias direções para um ponto específico motivo pelo qual seria favorável para realizações de rituais mágicos e religiosos. Nas religiões antigas (GUTTMAN; JOHNSON 2005) o símbolo da cruz com as quatro direções representava a completude e simbolizava a lua, a lua como força feminina, era ligada às bruxas que por consequência também estavam associadas a figura do lobisomem (GINZBURG,1988).

Outro aspecto que se mostra interessante na figura do lobisomem brasileiro é que no Brasil não temos lobos<sup>10</sup> como os europeus. Nos relatos citados acima, as variantes portuguesas já deram conta desta demanda. No Brasil, o lobisomem não necessariamente se transforma em um lobo, e frequentemente está associado à imagem do cachorro; um cachorro grande de pelos negros. Outras vezes, pelo porte ou pela falta de um animal que tenha semelhança com lobo, ele é associado ao porco ou ao burro. Os olhos, como as narrativas de terror descrevem, sempre são marcantes, variando entre o vermelho e o amarelo. A velocidade também é característica deste ser, um ser ágio, que se esconde nas sombras, se confunde com elas e causa medo. Por onde o lobisomem anda (melhor seria dizer “corre”), nas veredas, nas estradas desertas, nas

<sup>10</sup> Temos algumas espécies de canídeos nativos como; Lobo Guará - *Chrysocyon brachyurus*, Cachorro Vinagre - *Speothos venaticus*, Cachorro do Mato ou Guaraxaim - *Cerdocyon thous*, mas dificilmente são associados ao lobisomem.

encruzilhadas, nos espaços onde não se tem uma interação humana, onde a sociedade estigmatize e tenha uma relação de antagonismo ao lugar daquele grupo.

Outra questão da parte ritualística da lenda, são suas circunstâncias de transformação. Normalmente ocorre de quinta para sexta-feira que é apontado como o dia de sua transformação, embora este dia possa variar de acordo com a narrativa. O horário de transformação e dos “avistamentos” se aproxima da meia-noite (00:00 hora), com ou sem a associação da lua cheia, advinda da tradição europeia.

Conta-se que, em uma linhagem de sete filhos homens, o último a nascer tornara-se um lobisomem, em outras variações mostra que seria o sétimo filho homem de uma sucessão de mulheres. Levantamos, como hipótese, que esta característica da narrativa mítica da lenda pode ser entendida como uma tentativa de controle populacional, na tentativa de garantir que o índice de natalidade das mães não ultrapasse os seis filhos, pois correria o perigo de ter um filho lobisomem. Nas várias correntes de variação folclórica da lenda, existe uma que conta, que, para que a criança não se transforme ou também, para que não seja atacada pela criatura, devesse batizar a criança logo nos seus primeiros dias de vida. Podemos perceber que este artifício serviria para que a adesão ao batismo, por consequência a cristianização da população, tivesse uma maior efetividade na conversão, beneficiando diretamente a igreja, mesma instituição que promove, no seu discurso, a propagação da lenda.

Nesse sentido, conforme Lévi-Strauss (2004) defendera, que o mito induz o indivíduo a agir de uma certa forma, segundo a qual a estrutura mítica em questão lança seus valores que são disseminados por uma determinada camada social, detentora do poder ou de maior influência social. Estamos falando não só da estrutura mítica, mas das induções sociais que o mito traz aos indivíduos. Isso o faz alterar as características de seu comportamento em sociedade, mudado pela crença. Se o mito tem a capacidade de induzir o indivíduo ou um coletivo a agir de certa maneira, o mito tem força social, capaz de introduzir e transplantar valores de um grupo para outro.

## **7 - FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA**

Os saberes mitológicos podem ser lidos de diversas formas. Campbell (1997, p.254) afirma sobre o mito que “sua função conhecida consiste em servir como poderosa linguagem pictorial para fins de comunicação da sabedoria tradicional”. Assim, o mito não se limita a uma

narrativa fantástica sobre fenômenos sobrenaturais, mas visto como meio de transmissão de conceitos e conhecimentos engendrados na sociedade.

Campbell nos apresenta a ideia do *monomito*, estrutura cíclica da narrativa na jornada dos heróis. Os lobisomens dificilmente são vistos como tal. Então, onde está o herói da história? Nessas histórias o personagem central, mesmos sem apresentar todas as características do *herói*, quase sempre nas histórias um sujeito enfrenta a fera, com orações ou com uma luta, ou simplesmente com uma fuga emocionante. Como no caso da besta de Geuvadán (Bautista, 2011), um suposto lobisomem francês que foi morto por Jean Chastel com um tiro de bala de prata, feita com medalhas da virgem Maria, de onde possivelmente hollywood se inspirou para fazer os filmes. As narrativas de encontro e embate entre a criatura e o protagonista da história evocam em sua maioria as figuras ligadas a igreja no combate contra o mal, só seria vencido com um símbolo que representasse o divino para a aquele contexto.

Para pensarmos estas relações “sociomitológicas” presentes nesta pesquisa, Cohen (2000) nos propõe um método de análise cultural sobretudo nos aspectos apresentados na formação da ideia de monstro. O mesmo estabelece várias relações com a figura do monstro como sendo este formado por uma série de sentimentos, experiências e conhecimentos atribuídos pelos indivíduos. O mesmo afirma que a figura do monstro deve ser analisada de formas sociais, culturais e lítero-históricas:

Uma “teoria dos monstros” deve, portanto, preocupar-se com séries de momentos culturais, ligadas por uma lógica que ameaça, sempre, mudar; fortalecida pela mudança e pela fuga, pela impossibilidade de obter aquilo que Susan Stewart chama de a desejada “queda ou morte, a paralisação” de seu gigantesco sujeito, a interpretação monstruosa é tanto um processo quanto uma epifania, um trabalho que deve se contentar com fragmentos (pegadas, ossos, talismãs, dentes, sombras, relances obscurecidos - significantes de passagens monstruosas que estão no lugar do corpo monstruoso em si). (COHEN, 2000, p.20-30).

Como podemos ver anteriormente, o mito do lobisomem vem de muito tempo absorvendo características culturais por onde passa, e transmitindo sua estrutura que adaptasse aos espaços, aos costumes de diversas regiões. Dos antigos castigos divinos aos pactos demoníacos da idade média, de acordo com o “espaço-tempo” e os momentos que o cercam, deixam suas marcas, encaixam um pedaço de sua história na narrativa, garantindo a sobrevivência de seus valores independente da sociedade que os tenham.

Esta argumentação gira em torno de “compreender as culturas, por meio dos monstros que elas geram”, em nosso caso, não se trata diretamente da geração de um monstro, mas da

“adoção”. Uma assimilação de uma característica cultural trazida de outros contextos. Utilizando este modo de pensar nas estruturas míticas, teremos um maior leque de análise, pois as mesmas são tratadas, não como estruturas epistemológicas inteiras, e sim como um conjunto de fragmentos, que podem ser unidos de momentos culturais específicos, esta seria a melhor forma de analisar as características culturais em estudos a partir da ideia de monstro.

Esta relação entre crença, cultura e religiosidade que perpassa o trabalho, vê que as estruturas religiosas têm um papel central nesta discussão. Sabe-se que nosso objeto de análise não é uma estrutura religiosa, mas compreende-se que faz parte direta ou indiretamente dos sistemas religiosos, e assemelha-se às características das crenças primitivas que o foram antecessoras. Durkheim (1996) afirma que mesmo de maneiras diferentes todas as religiões correspondem às experiências humanas:

[...] a religião é uma coisa eminentemente social. As representações religiosas são representações coletivas que exprimem realidades coletivas; os ritos são maneiras de agir que só surgem no interior de grupos coordenados e se destinam a suscitar, manter ou refazer alguns estados mentais desses grupos. (Durkheim p. XVI, 1996).

Os sistemas religiosos básicos foram criados a fim de representar os sistemas morais, costumes, e as crenças de uma sociedade, criando uma cosmovisão que reflete a harmonia da ordem social estabelecida em seu meio. Essas relações convergem até que as alegorias míticas representem de certa forma as características morais da sociedade, onde a narrativa mítica pelo seu caráter de engajamento coletivo molde a sociedade.

Como levantado nas hipóteses, acreditamos que este “estudo dos monstros” nos falará sobre a sociedade brasileira em seus aspectos culturais, sociais e religiosos. Por a figura do lobisomem ter se tornado folclore, um saber do povo brasileiro, povo este que também foi feito destas costuras de culturas distintas, uma via de mão dupla de influências multilaterais. O mito muda a sociedade e a sociedade muda o mito. Um jogo de interesses e costumes que vão além dos âmbitos narrativos.

Devido esta lenda estar ligada diretamente a nossa herança colonial, o “lobisomem brasileiro” portar traços particulares da cultura e dos costumes que foram formadores dos valores que moldaram a imagem de nossa sociedade, pois assim como sustenta Cohen sobre seu método de análise, o Brasil também foi formado por “fragmentos culturais”. Por esse motivo, quando analisamos determinado objeto (material ou imaterial) da cultura brasileira, é grande a possibilidade de que achemos um “pedaço” de outra cultura na composição do mesmo.

Nos estudos folclóricos do Brasil, Câmara Cascudo (2002), aborda o tema em uma perspectiva mais ampla restringindo seus aprofundamentos nas características das variações regionalistas, ele se atenta a multiplicidade da presença do lobisomem em seu devido contexto, e em gerar um panorama das variações que a lenda sofre no cenário nacional. No texto *licantropia sertaneja*, Cascudo (2016) aprofunda a figura do lobisomem através da ótica do regionalismo, articulando os saberes e crenças da região nordeste para explicar alguns aspectos da figura do lobisomem. Como Mark Harris (2008), na região do Grão-Pará, em uma abordagem da linha de pensamento da mestiçagem. Ele aponta que os indivíduos estão ligados diretamente a seu estado colonial, a miscigenação étnica e de parentesco, influenciam na forma de pensamento da cultura popular. Podemos compreender melhor quando o autor afirma que as “inovações populares no tempo colonial e imperial como pontes da imaginação, ligando as diferenças e hierarquias formais com as práticas e relações cotidianas” (HARRIS, 2008, p.29) e como os moradores descrevem as narrativas de lobisomens.

Neste rico contexto de relações históricas, Laura de Mello e Souza (1986) em sua abordagem histórica, nos apresenta a ideia do Brasil como espaço místico aos olhos coloniais, uma leitura dos estados das religiosidades e das práticas de feitiçaria do Brasil colônia, os desdobramentos que as visitas inquisitoriais tiveram na sociedade e no imaginário brasileiro. Segundo ela, esta tendência de mistificar as terras colonizadas como mecanismo ideológico de dominação também foi usada acerca da Ásia e do oriente, (LE GOFF, 1980). Em Souza, outros temas pertinentes são abordados como a natureza da população colonial, o sincretismo e as religiosidades e as relações de poder dentro da colônia. Para nós, as elucidações históricas (SOUZA, 1986) situam o campo/espaco estudado e exemplificam as relações sincréticas das crenças, das ideias e dos propósitos dos grupos que formaram de maneira ampla a sociedade brasileira, (os africanos, os índios e os europeus) a importância da cristianização dentro do projeto de colonização. A crença europeia em monstros e como esta visão organizava as relações de poder entre o novo e o velho mundo.

Estas relações entre a sociedade e seus costumes que influenciam na vida religiosa no âmbito social do Brasil, pode ser visto em Roberto DaMatta, (1997) onde ele afirma que o brasileiro teria uma enorme capacidade de assimilar costumes e transitar entre essas esferas sociais sem perder sua identidade. Para ele, existem três aspectos que são compositores da personalidade e dos costumes sociais do Brasil. O primeiro seria a casa, que seria o aspecto mais contido, ameno e escondido do brasileiro. A casa como representação de um lugar onde se busca a normalidade aparente das bases sociais. O segundo aspecto seria a rua, onde se

manifestam através das festas como o carnaval, a possibilidade do indivíduo de se libertar de seus laços sociais, e ser quem realmente ele queria ser. Com uma máscara, ou com uma fantasia, proporcionaria a “transformação em outra pessoa” aliviando o peso do jugo social de determinados comportamentos, a rua se tornaria o local de libertação. Remetendo a lenda do lobisomem, vemos que seu local de transformação se dá “na rua” nos espaços de libertação, de transformação de personalidade nos espaços onde remete suas múltiplas identidades do lugar de transformação “fora de casa” nos espojadouros de animais se transforma em um animal, na encruzilhada onde as forças mágicas confluem para sua transformação, na meia-noite, na virada de um dia para outro ele “vira” de um homem para um lobo. Mas no outro dia está de volta a sua forma normal sem perder sua identidade.

Um terceiro aspecto para Roberto DaMatta, seria a igreja, representação da espiritualidade, que seria diferente dos outros dois, pois este aspecto poderia interagir com os outros dois. A “igreja de casa e a igreja da rua” determinados aspectos da igreja e religiosidade a qual cada um pertence, dão muitas vezes lugar ao sincretismo e a superstições que se manifestaria de determinadas formas, ou seja, os três aspectos de individualidade e separação estariam em um só indivíduo. Seriam estes três traços diferentes que fariam a identidade do brasileiro.

Para analisar estes traços das relações sociais do Brasil o autor utiliza-se da análise de duas obras escritas por Jorge Amado, *Gabriela Cravo e Canela*, e *Dona Flor e seus dois maridos*. Ao interpretar as estruturas sociais que compõe estas obras se mostra os paralelos entre a estrutura da arte, e a sociedade brasileira. As nossas religiosidades de “casa” não são as mesmas da rua e as estruturas estáticas religiosas dão espaços as superstições e o sincretismo no Brasil.

Estas relações entre espaços, significados e interações sociais, como indica Mary Douglas (1991), em determinados contextos, os indivíduos, signos e espaços são submetidos a classificação social que interpõem os significados aos objetos sociais. Os objetos aos quais não se consegue classificar ou criar relações de proximidade, tem imposto uma identidade anômala e antagonica a de seu grupo social, este objeto é estabelecido como tabu entre os indivíduos da sociedade. A imagem do lobisomem sempre foi mantida desde seu princípio na esfera do sujo, do impuro, características que remetam ao mal, o mal na forma mais conhecida para aqueles que o transmitem. Ou seja, neste momento apresenta-se a figura demoníaca a imagem do lobisomem. Mantido nessa esfera, a figura do lobisomem teria traços de uma dualidade e de

uma incompreensão, pois o lobisomem é um lobo e ao mesmo tempo um homem. Ele tem a racionalidade humana e o comportamento de animal, e está entre os dois mundos o natural e o sobrenatural, a realidade e o mundo mágico.

Mas se voltarmos às religiões antigas, do Oriente à Europa, e até nas Américas pessoas e divindades com estas características antropozoomórficas, eram cultuadas como portadoras de uma dádiva divina, portadora de poderes que mereciam a adoração de seus fiéis. Como vimos, com o passar do tempo a figura do lobisomem foi tomando novos contextos e significados, conforme às sociedades e seus valores.

Os mitos através de seus símbolos nos impõem, sutilmente, seus padrões sociais. Sugere que não ultrapassemos os limites entre a harmonia social. Transcender este espaço conhecido é ir para um lugar longe de seu grupo, além de um lugar que possa ser acessado através da conduta normal, fora dos padrões.

Este conceito de pureza e impureza nos atos rituais que representam a força benéfica de uma harmonia estruturada pelas regras sociais. E a impureza que seria tanto material quanto simbólica, representa a sujeira, esta sujeira é devassidão. São a distorção do que seria o normal e o benéfico, traz a ideia do impuro que se apresenta em várias leituras e modos dos momentos rituais. As figuras que não se encaixam são colocadas no plano da impureza. Os locais e símbolos considerados impuros como o lobisomem, mantém hábitos e características divergentes da sociedade. Este mito dentro de uma sociedade como a brasileira não só nos proporciona enxergar a pluralidade folclórica e cultural, mas nos permite entender os conceitos sociais moldados através dos processos históricos que o país sofreu.

## **8 - METODOLOGIA**

A pesquisa a ser realizada será de caráter qualitativo, pois acredita-se que a mesma permite um maior movimento nas formas de analisar dos dados coletados. Os dados serão coletados de livros, artigos acadêmicos e relatos orais. Também serão realizadas entrevistas semiestruturadas, feitas com idosos a partir de 60 anos, Residentes nas cidades do maciço de Baturité Ceará, principalmente de localidades mais tradicionais a qual pressupõe-se que mantenham essas características sociais mais vivas. Essas entrevistas serão analisadas conforme o método de análise do discurso (RODRIGUES-JÚNIOR, 2009). Poderá ser analisado também

discursos já coletados por outros pesquisadores ou relatos disponíveis à coleta, disponibilizado por indivíduos que se encaixem no perfil da pesquisa.

Existem (e existirão) diversas variações da lenda do lobisomem, variações de sua forma, de seus hábitos, de suas fraquezas. Não se pretende analisar todas as variações pois primeiro, seria quase impossível abarcar a análise deste material; segundo, estas variações são a “alma do mito”, o que faz ele germinar em cada cultura, suas características sociais, regionais e grupais que tornam singular cada narrativa, que de fato em uma pesquisa mais aprofundada deveriam ser analisadas uma a uma.

Aplicaremos os métodos da análise que utilizaremos neste primeiro momento a fim de levantar hipóteses a dois relatos colhidos por Gilberto Freyre no seu livro “assombrações do Recife Velho”. Obra voltada à tradição oral, e à mostra os aspectos sobrenaturais da cidade de Recife. Freyre acredita que a miscigenação cultural da cidade de Recife oferece condição especial para a análise sociológica.

O grande número de variações da lenda chega em alguns casos a parecer que se tratam de criaturas e lendas diferentes, um dos fatores que contribuem para isso, é o boato. Aqui tomamos como guia uma das definições de Renard (2007) para entrarmos em concordância com os critérios de verdade e inverdade. “O boato como informação não verificada.” Nesse estágio, não se prejulga a veracidade do ‘barulho que corre’ e, nesta acepção, um boato não é, necessariamente falso.

Uma pergunta que mesmo subjetivamente, surge quando abordamos um tema como esse, seria relacionada a veracidade da lenda. Neste trabalho não é proposto uma “caça aos monstros”, mas uma análise da memória e cultura popular através de uma lenda que faz parte do folclore brasileiro. Portanto, as afirmações de verdade ou falsidade, a respeito dos relatos, não estão inclusas na análise proposta aqui. Sempre tomaremos como verdadeiros os relatos colhidos, pois, mesmo que o episódio ou afirmação não tenha ocorrido, ao momento que esta história foi narrada, para um outro indivíduo ou grupo, para nós, ela se torna verdadeira por dois motivos: no momento em que é transmitida para outras pessoas a mesma faz parte de um grupo e está sujeita a uma “popularização”, uma disseminação desta informação. E a segunda é que o mais importante para a análise são as características apresentadas na estrutura narrativa sendo estas o material a ser analisado.



## 9 - BIBLIOGRAFIA

- ALCALDE, Julio González. **Totemismo del lobo, rituales de iniciación y cuevas-santuario mediterráneas e ibéricas**. Quaderns de prehistòria i arqueologia de Castelló, n. 25, p. 249-269, 2006.
- BARING-GOULD. Sabine. **O livro dos lobisomens**. São Paulo: Aleph, 2008.
- BRANCO, Arturo Alejandro Gonzales Y Rodrigues. **O Lobo e o Morcego: A cultura popular e o imaginário inglês do século XIX**. Goiânia, 2009.
- BAUTISTA, Jose Manuel García. **Seres Imposibles: Antología del catálogo criptozoológico**. Ediciones Digitales 2011.
- BOXER, Charles. **O império marítimo português 1415-1825**. São Paulo: companhia das letras. 2002
- CAMPBELL, Joseph. **O herói de mil faces**. São Paulo: Cultrix/Pensamento, 1997.
- CASCUDO, Luís da Câmara. **Geografia dos mitos brasileiros**. 2. ed. São Paulo: global, 2002.
- \_\_\_\_\_. **Licantropia Sertaneja**. Imburana: revista do Núcleo Câmara Cascudo de Estudos Norte-Rio-Grandenses, v. 5, n. 9, 2016.
- COHEN, Jeffrey Jerome. **Pedagogia dos monstros: Os prazeres e os perigos da confusão de fronteiras**. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.
- CRESWELL, John W. **Projeto de pesquisa: métodos qualitativo, quantitativo e misto**. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2007.
- DAMATTA, Roberto. **A casa & a rua: espaço, cidadania, mulher e morte no Brasil**. 2. ed. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.
- DOUGLAS, Mary. **Pureza e perigo: ensaio sobre a noção de poluição e tabu**. Lisboa: Edições 70, 1991.
- DUNWICH, Gerina. **Guia das Bruxas sobre Fantasmas e o Sobrenatural**. São Paulo: Madras, 2003.
- DURKHEIM, Émile. **As formas elementares da vida religiosa: o sistema totêmico na Austrália**. São Paulo: Martins fontes, 1996.
- FEDERICI, Silvia. **Calibã e a Bruxa: Mulheres, Corpo e Acumulação Primitiva**. Nova York: Autonomedia, 2004.
- FREYRE, Gilberto. **Assombrações do Recife velho**. Rio de Janeiro: Record, 1987.
- FINA, Rosa Maria Canarim Rodrigues. **Portugal nocturno e a ameaça do dia: a ideia de noite na cultura portuguesa: séculos XVIII a XX**. Lisboa: 2016.
- GARCÍA, Flavio. (org). **III Painel “Reflexões sobre o Insólito na narrativa ficcional”**: o insólito. Rio de Janeiro: Dialogarts, 2008.
- GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.
- GINZBURG, Carlo. **Os andarilhos do bem**. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.

- GREEN, Toby. **Inquisição: O reinado do medo**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2012.
- GUMIEIRO, Fábio. **As ordens religiosas e a construção sócio-política no Brasil Colônia e Império**. Tuiuti: Ciência e Cultura, n. 46, p. 63-78, 2013.
- GUTTMAN, Ariel.; JOHNSON, Kenneth. **Astrologia e mitologia: seus arquétipos e a linguagem dos símbolos**. São Paulo: Madras, 2005.
- HARRIS, Mark. **O lobisomem entre índios e brancos: o trabalho da imaginação no Grão-Pará no final do século XVIII**. Revista do Instituto de Estudos Brasileiros, n. 47, p. 29-55, 2008.
- HUALPA, Fabiola Yvonne Chávez. **La leyenda del Lupu mannaro (Hombre lobo) y del Ursu panaru (Hombre oso) en los Apeninos Centrales (Leonessa, Italia)**. Dimensión Antropológica, v. 38, p. 179-193, 2006.
- JUNIOR, André Bozzetto. **Do folclore para as telas: um olhar sobre o mito do lobisomem através das telenovelas brasileiras**. Espéculo: Revista de Estudios Literarios, n. 46, p. 46, 2010. Disponível em: < <https://webs.ucm.es/info/especulo/numero46/lobisomen.html> > acessado em 16 de dezembro de 2017.
- LANGER, Johnni. **Símbolos religiosos dos Vikings: guia iconográfico. História, imagem e narrativas**, n. 11, p. 1-28, 2010.
- LE GOFF, Jacques. **Para Um Novo Conceito de Idade Média**. Lisboa: Edições 70. 1980.
- LOZANO, Fernando. **Los devoradores de hombres: El culto a Zeus Liceo y la licantrópia en Arcadia**. in. De Dioses y Bestias. Animales y Religión en el Mundo Antiguo, Anejos de la Revista Spal 11, Ed. Universidad de Sevilla: Sevilla, p. 83-96, 2007.
- NOVINSKY, Anita Waingort. **A Inquisição**. 3. ed. São Paulo: Brasiliense, 1985.
- MACEDO, Emiliano Unzer. **Religiosidade popular brasileira colonial: um retrato sincrético**. Revista Ágora, n. 7, 2008.
- PEREIRA, Rita de Cássia Mendes. **Linguagem, saberes e mediação sobrenatural: magia, clerezia e intervenção sobre a natureza no cotidiano e nas representações do Ocidente Medieval**. Acta Scientiarum. Education, v. 34, n. 1, 2012.
- PIERONI, Geraldo. **No Purgatório, mas o Olhar no Paraíso: o degredo inquisitorial para o Brasil Colônia**. Lisboa. Revista Textos de História, v. 6, n. 1, 1998.
- RACY, Ana Clara Thomazini; MIRANDA, Pablo Gomes de. **Nem o fogo nem o aço: considerações sobre os embates entre Berserkir e clérigos na conversão da Islândia**. Revista Plêthos, 2, 2, 2012.
- RENARD, Jean-Bruno. **Um gênero comunicacional: os boatos e as lendas urbanas**. Revista FAMECOS: mídia, cultura e tecnologia, n. 32, p. 97-104, 2007.
- RODRIGUES-JÚNIOR, Adail Sebastião. **Análise crítica do discurso: modismo, teoria ou método?** Revista Brasileira de Linguística Aplicada, v. 9, n. 1, 2009.
- SOUZA, Gustavo Marques de. **Licantropia nos percalços da história**. Miguilim –Revista Eletrônica do Netlli, Crato, v. 2, n. 1, p. 57-67, abr. 2013.
- SOUZA, Laura de Mello. **O diabo e a terra de Santa Cruz**. São Paulo: Companhia das Letras, 1986.
- STRAUSS, Claude-Lévi. **O cru e o cozido. Mitológicas 1**. São Paulo: Cosac Naify, 2004.

TRAUNECKER, Claude. **Os deuses do Egito**. Brasília: Universidade de Brasília, 1995.

WAGNER, Carlos G. **El rol de la licantropía en el contexto de la hechicería clásica**. Gerión. Anejos II. Estudios sobre la Antigüedad en homenaje al profesor Santiago Montero Díaz, p. 83-97, 1989.

## 10 - APÊNDICE

### APÊNDICE 1

#### QUESTIONÁRIO SEMIESTRUTURADO

Idade:

Sexo:

Religião:

Cidade/localidade:

01-Pergunta central.

O que o senhor/senhora sabe a respeito da lenda do lobisomem?

02-Direcionamentos específicos.

A senhora/senhor avistou ou encontrou com o lobisomem? Se não, conhece alguém que viu.

Se sim, como foi?

Qual local de transformação?

Qual horário de avistamento?

Qual local de avistamento?

Como ocorre o ritual de transformação? Era noite de lua cheia?

Horário de transformação?

Como se tornar um lobisomem?

Como o lobisomem volta ao normal?

Data/dia que ocorre transformação em lobisomem?

Qual era a aparência física do “bicho”?

A senhora/senhor conhece algum ritual de proteção contra lobisomem? Se sim como é?

Quem lhe contou a história?

Para que a senhora/senhor acha que serve essa lenda?

A senhora/senhor acredita em lobisomem?

## APÊNDICE 2

### LEVANTAMENTO/REFERENCIAS DE MÍDIA DO TRABALHO.

#### FILMES

*A GAROTA da Capa Vermelha.* Direção: Catherine Hardwicke. 2011.

*A HORA do Lobisomem.* Direção: Daniel Attias. 1985

*A MALDIÇÃO da Lua Cheia.* Direção: Nathan Juran.1973.

*GRITOS de horror.* Direção: Joe Dante. 1981.

*LUA negra.* Direção: Eric Red.1996.

*O CORONEL e o Lobisomem.* Direção: Maurício Farias.2005.

*O GAROTO do Futuro.* Direção: Rod Daniel. 1985.

*O LOBISOMEM de Londres.* Direção: Stuart Walker. 1935.

*O LOBISOMEM.* Direção: Joe Johnston. 2010.

*UM LOBISOMEM Americano em Londres.* Direção: John Landis. 1983.

*UM LOBISOMEM Americano em Paris.* Direção: Anthony Waller.1997.

#### DOCUMENTÁRIOS

*ARCHIVOS del Terror/ El Hombre Lobo:* Discovery Channel. disponível em: < <https://www.youtube.com/watch?v=sQmw05yNzas> > acessado em: 10 de novembro de 2017.

*CAÇADORES de Monstros/ Lobisomem.* History Channel: acessado em: < <https://www.youtube.com/watch?v=4Ary9sPmrBo> > acessado em: 10 de novembro de 2017.

*EXPEDIENTE enigma / El misterioso caso de un hombre lobo.* Disponível em: < <https://www.youtube.com/watch?v=EZfMwpVX3DI> > acessado em: 10 de novembro de 2017.

*MONSTRUOS De Leyenda/ Hombre lobo americano* Disponível em < <https://www.youtube.com/watch?v=lbhh26UCC88> > acessado em: 10 de novembro de 2017.

*O VERDADEIRO Lobisomem:* History Channel. Disponível em: < <https://www.youtube.com/watch?v=QVejzYct22I> > acessado em: 10 de novembro de 2017.

## SÉRIES

ARQUIVO X. 1ª Temporada. Episódio: 19, título do episódio: *A besta humana*. 1993/1994.

CARGA Pesada. Rede Globo. 2ª Temporada. Episódio: 8, Título do Episódio: *O lobisomem*. 2004.

LORE. 1ª Temporada. Episódio: 5, título do episódio: *A Besta Dentro*. 2017.

SOBRENATURAL. 2ª Temporada. Episódio: 17, Título do Episódio: *Dolorosa Missão*. 2006/2007.

TEEN WOLF. Emissora de televisão original: MTV. N.º de temporadas: 6. Transmissão 5 de junho de 2011 – 24 de setembro de 2017.

## TELENOVELAS

*PEDRA Sobre Pedra*. Rede Globo. Escrita por Aguinaldo Silva; Criador (es): Aguinaldo Silva, Ricardo Linhares, Ana Maria Moretzsohn. 1992.

*ROQUE Santeiro*. Rede Globo. Criador (es): Dias Gomes, Aguinaldo Silva. 1985/1986.

*SARAMANDAIA*. Rede Globo. Criador: Recardo Linhares. 2013.

## MUSICAS

*HOMEM com H*. Ney Matogrosso. 1981. Duração, 3:45. Disponível em : < <https://www.youtube.com/watch?v=BWIBbCRPBMg> > acessado em: 05 de dezembro de 2017.

*LOBISOMEM*. Djavan. 1994. Duração, 4:26. Disponível em: < <https://www.youtube.com/watch?v=o7ufHoxBI2k> > acessado em: 05 de dezembro de 2017.

*LOBO-HOMBRE en París*. La Unión. 1984. Duração, 5:02. Disponível em: < <https://www.youtube.com/watch?v=9qbxIPLVHNE&list=RD9qbxIPLVHNE> > acessado em: 05 de dezembro de 2017.

*MISTÉRIOS da Meia Noite*. Zé Ramalho. 2005. Duração, 3:45. Disponível em. < <https://www.youtube.com/watch?v=OEvFuXYHQjs> > acessado em: 05 de dezembro de 2017.